

apresentação

O fato de o final da Guerra Civil Espanhola, em 2009, ter completado setenta anos levou-nos a tomar a iniciativa de organizar o presente número extra da revista *Aletria*, uma vez que os eventos ocorridos na Espanha entre 1936 e 1939 representaram e continuam a representar um enorme impacto na produção artística e cultural de todos os que, direta ou indiretamente, estiveram envolvidos no conflito. Mais do que juntar-nos às efemérides em torno dos setenta anos do final da guerra, que também pode ser entendido como o início do regime ditatorial do general Franco, esta publicação quis reunir a contribuição de pesquisadores de diferentes nacionalidades, que procuram refletir sobre a literatura, o cinema e demais artes relacionadas com o tema da guerra, do exílio, do autoritarismo e da reconstrução da memória coletiva. Além dos artigos aqui reunidos, contamos também com a entrevista concedida por José Sanchis Sinisterra, um dos artistas que mais têm contribuído para que os momentos traumáticos vividos pela Espanha no século 20 não sejam esquecidos ou banalizados e cuja obra é um dos marcos fundamentais da dramaturgia espanhola contemporânea.

O último informe da guerra, escrito por Francisco Franco em 1º de abril de 1939, dizia: “En el día de hoy, cautivo y desarmado el Ejército Rojo, han alcanzado las tropas nacionales sus últimos objetivos militares. La guerra ha terminado.” Como afirma o historiador inglês Paul Preston na obra *La guerra civil: las fotos que hicieron la historia*, isso não era verdade, a guerra não havia terminado. Não só os combates entre o exército franquista e a guerrilha republicana continuariam ativos até o final dos anos 1940, como os atos de violência praticados pelo Estado contra os derrotados persistiriam ao longo das décadas seguintes. Os traumas e os processos de luto decorrentes do conflito, do exílio e da perseguição institucionalizada deixariam seus rastros, reclamariam, mais cedo ou mais tarde, a sua memória. Em 2001, com a fundação da Asociación para la Recuperación de la Memoria Histórica e a abertura das valas comuns que continham um número desconhecido de mortos do lado republicano, tem início uma nova política da memória. Em outubro de 2008, em função da verificação de um saldo aproximado de 115.000 pessoas

desaparecidas durante a ditadura franquista e da evidência de um plano sistemático de extermínio dos opositores do regime, o juiz Baltasar Garzón atribuiu a Francisco Franco e a outros 34 comandantes do exército espanhol a responsabilidade por crimes contra a humanidade.

Ao longo das duas últimas décadas, um número expressivo de obras literárias e cinematográficas evidencia a necessidade de revisitar um passado submetido a toda sorte de violências e permeado por tradições memorativas conflituosas, desde as que se referem aos diferentes projetos políticos existentes na Espanha dos anos 1930, até as múltiplas identidades nacionais e culturais que marcam as relações entre espanhóis, catalães, bascos e galegos. Os artigos que compõem o presente número da revista *Aletria*, por meio de distintas abordagens teóricas da produção originada da temática da guerra civil, contribuem para aprofundar a permanente discussão acerca das relações entre ficção e história e entre as diversas manifestações artísticas e as memórias coletivas e individuais, assim como desenvolvem análises críticas sobre as constantes ameaças de esquecimento que permeiam não só os discursos oficiais, mas também uma série de produções culturais.

Por meio de nossas pesquisas e trabalhos desenvolvidos no âmbito do PEG - Programa Especial de Graduação “Memórias da Guerra Civil Espanhola na Literatura e no Cinema” (2008) e de leituras das contribuições de estudiosos constatamos a presença de olhares diversos sobre a Guerra Civil Espanhola. As diferenças nos olhares dependem, basicamente, da condição e posição política do escritor ou cineasta, de sua nacionalidade, de seu envolvimento nesse acontecimento fatídico da história contemporânea espanhola, da distância no tempo e no espaço, do tipo de mídia, de sua postura ética e de suas escolhas estéticas. A partir desses olhares diversos, a presente edição da revista *Aletria* está estruturada de tal forma que convida o leitor a acompanhar essas perspectivas artísticas tão diversas e sempre subjetivas de um assunto de tanta relevância para as diversas áreas das Ciências Humanas.

A seção “Embates pelas memórias da Guerra Civil Espanhola” é composta por artigos que contribuem para reflexões sobre as disputas pelas memórias da guerra civil não só nos âmbitos da história e da política, como também nos âmbitos da literatura e do cinema. Nela, figuram expressões como “memória imposta”, “desmemórias”, “memória manipulada”, “memória tranquilizadora”, “memória inoportuna”, “memória rasurada”, “memórias indesejadas”, “memórias divididas”, “memória silenciada”, “memória comunicativa”, “memória histórica”, “memória crítica”, “memória cultural”, “memória democrática”, “memória pessoal”, “memória coletiva”, “memória franquista”, “memória republicana”, enfim, termos que refletem a luta pelo resgate das memórias contra o esquecimento, o silêncio, as manipulações, as idealizações, os exageros, as rasuras e o revisionismo em relação ao conflito na Península Ibérica enquanto “cisão traumática”.

Por sua vez, a seção “Olhares de Espanha para a guerra civil” conta com artigos em que estudiosos enfocam os modos como os processos de rememoração

se estabelecem através do olhar de escritores e cineastas espanhóis, ou daqueles que viveram na Espanha e se viram obrigados a tomar o rumo do exílio, como é o caso de Max Aub. Escritores e cineastas de gerações diferentes investem em procedimentos estéticos para dar conta tanto das “memórias” do exílio, bem como das “memórias” daqueles que vivenciaram episódios traumáticos durante a guerra civil e o período ditatorial sob o jugo fascista.

Já a terceira seção, intitulada “Olhares do mundo para a guerra civil”, compõe-se de artigos nos quais estudiosos refletem sobre obras de escritores e cineastas estrangeiros em torno da Guerra Civil Espanhola. Enquanto alguns se envolveram diretamente no conflito, engajando-se, por exemplo, do lado republicano, outros, mesmo a distância, contribuíram por meio da arte para denunciar a violência e a insensatez da guerra fratricida na Península Ibérica. Nela, se inclui também o olhar estrangeiro para um ícone da Literatura Espanhola da época, Garcia Lorca, uma das primeiras vítimas da guerra entre os intelectuais, enfocando, no Brasil, as repercussões de seu assassinato.

Por fim, contamos com a entrevista concedida por José Sanchis Sinisterra, na qual o dramaturgo espanhol, entre outros aspectos, fala sobre o tema da memória histórica em suas obras, mais precisamente a partir do período de transição da ditadura franquista para a democracia, na tentativa de não deixar que se virasse pura e simplesmente a página da história, cobrindo com um véu do esquecimento tudo o que havia ocorrido na Espanha durante a guerra civil e a ditadura de Franco.

*Elisa Amorim Vieira
Elcio Loureiro Cornelsen
Volker Jaeckel*